

A CHÁCARA DA BARONESA NOS TEMPOS DA DONA SINHÁ.**1894-1946. PELOTAS, RS****EMILY INGRID NOBRE SILVA¹; ESTER JUDITE BENDJOUYA GUTIERREZ³**¹UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS – emy.nobre@hotmail.com 1

3 UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS – esterjbgutierrez@hotmail.com3

1. INTRODUÇÃO

No livro **Sobrados e mucambos** de Gilberto Freyre, o sociólogo identificou as habitações brasileiras do século XIX em sete tipologias: o sobrado, o mucambo, a casa térrea, o sobrado de esquina, o chalé, o cortiço, a casa de sítio ou de chácara. Construções maiores que sobrados, com paredes grossas e mais arejadas, as amplas casas de chácara apresentavam qualidade de vida superior, já que estavam situadas em terrenos com maiores dimensões, possuíam jardins, pomares, hortas e animais para o abastecimento. Tinham como vantagem estar em uma área semiurbana. Esta tipologia tornou-se de grande prestígio social, pois preservava os valores da vida urbana com os traços mais peculiares da vida rural (FREYRE, 2006).

Durante a época colonial, a tendência à monocultura gerava um problema de provimento nas cidades. Nas casas urbanas a solução dava-se por meio de pomares e da criação de alguns animais. Porém, somente nas chácaras era realmente possível sanar o problema, já que conciliavam grandes espaços a cursos d'água (REIS FILHO, 1970).

A sociedade inglesa residente no Brasil foi responsável por uma revolução significativa na forma de morar. Trocar sobrados no centro das cidades por grandes vivendas mais isoladas nos subúrbios tornou-se um gesto de requinte. Para os ingleses, moradores do Rio de Janeiro, viver no centro comercial era deselegante. Hábito, que aos poucos, foi adotado pelos portugueses e brasileiros, ocasionando a valorização das chácaras para moradias (FREYRE, 1977). O Solar da Baronesa, atualmente, Museu Municipal Parque da Baronesa, constituiu expoente desta tipologia arquitetônica na cidade de Pelotas.

A presente pesquisa **A Chácara da Baronesa nos tempos da Dona Sinhá** está interligada à tese de doutorado da aluna Annelise Costa Montone, junto ao

Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, da UFPel, intitulada **Os jardins de Annibal e Amélia Antunes Maciel:** construção de espaços no sul do Brasil (1863-2013). Porém, focou recorte menor, entre os anos de 1894 e 1946, período em que a filha do casal, Amélia Annibal Hartley Maciel conhecida como Dona Sinhá, descendente de ingleses, administrou a propriedade. O objetivo geral foi narrar a história das intervenções e das obras de conservação realizadas na casa senhorial e nos jardins implantadas por Dona Sinhá.

2. METODOLOGIA

A metodologia empregada para a pesquisa **A Chácara da Baronesa nos tempos da Dona Sinhá** utilizou fontes primárias, em especial, os livros de controle de gastos de Dona Sinhá, filha da Baronesa de Três Serros. Livros numerados de dois a doze. No total foram analisados onze livros, que se iniciam em maio de 1894, com registro dos gastos diários de Amélia durante 52 anos, até abril de 1946. O livro de número um não faz parte do acervo, provavelmente foi extraviado antes do período de existência do museu. Não é de conhecimento dos curadores se existem outros livros após esta data. Com o propósito de facilitar a compreensão, os dados coletados foram sistematizados em uma tabela que organiza as despesas registradas por Amélia em três grandes categorias: Interior, subdividida em reforma/ manutenção, aquisição de mobiliário/decoração, aquisição de utensílios/usos, empregados/ serviços domésticos; parque, especificada em jardins, animais/ criação, horta, reforma/manutenção e empregados; por fim a última categoria geral, que concentra despesas em geral e empregados sem função específica.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Despesas com cuidados da casa eram constantes, havia reformas, pinturas, colocação de papel de parede, colocação de azulejos, troca de vidros, entre outros consertos. Dentre os gastos mais comuns estavam a aquisição de utensílios, principalmente aqueles que serviam para cozinha. Os gastos com a criação de animais, também eram consideráveis. Contudo, a maior parcela das despesas mensais estava no pagamento de funcionários, tanto associados aos cuidados internos da casa, quanto externos. Nas longas temporadas em Pelotas,

Dona Sinhá anotou pagamentos para amas, criadas, lavadeiras de roupas e lavadeiras da cozinha, cozinheira (os), copeiras (os), cocheiros, jardineiros e alguns empregados relacionados a serviços gerais da chácara. Igualmente, registrou compra de artigos luxuosos, como telefone e automóveis.

A soma das despesas com gastos categorizados como interior e parque demonstrou que 23% das despesas foram destinadas para parte exterior. Deste percentual, a maior parte, 18%, correspondia a gastos com jardineiros, cocheiros e, inclusive, *chanffeaur*. Os 5% restantes eram destinados à manutenção da área externa. Os custos com Interior eram mais significativos, 77%, dos quais 26% foram destinados ao pagamento de funcionários e 32% para reforma/manutenção, isto porque normalmente estas despesas possuíam valores elevados. Expensas com mobília e utensílios representavam 9% dos gastos com Interior.

As intervenções mais importantes realizadas por Dona Sinhá foram: realizadas ao longo dos anos, a reforma de muitos dos quartos; em 1920, colocação de azulejos no escritório e corredor; em 1921, a reforma da ala direita da morada - incluindo carpinteiros, pedreiros, decoradores e pintores - e instalação de luz elétrica, com colocação de luzes e lâmpadas; no ano de 1936, reforma no assoalho; em 1939, instalação de um banheiro para os funcionários e encanamentos para água.

4. CONCLUSÕES

Dentre as tipologias de habitação brasileira, descritas por Gilberto Freyre, a chácara era a que apresentava maior conforto aos usuários. Instalada em um ambiente semiurbano, possuía a comodidade de estar próxima à cidade, ao mesmo tempo, permitia morada mais espaçosa, com jardins. A presença de horta, pomar e animais facilitava o provimento de alimentação mais diversificada. Amélia Annibal Hartley Maciel, descendente de ingleses, possivelmente tenha herdado o hábito de viver em chácaras, visto que para os ingleses morar nos subúrbios era sinônimo de conforto e elegância. Entre 1894 e 1946, Dona Sinhá foi responsável pela administração da chácara. Observou-se que o cuidado com a conservação estava sempre presente. Pinturas, trocas de papel de parede, substituição do assoalho, conservação de vidros e azulejos, aquisição de novos utensílios e cuidados com a criação de animais, faziam parte da rotina de reformas e manutenções da chácara. Em uma análise geral dos gastos anotados por Amélia

Annibal Hartley Maciel verificou-se que para sustentar a vida na chácara eram necessários diversos funcionários encarregados de cuidados com o interior da morada, assim como empregados responsáveis pela manutenção do parque. Em síntese, nos tempos da Dona Sinhá, o orçamento estava dividido em: pagamentos com empregados à serviço da família e na conservação da propriedade, no total de 44%, desses 18% na área externa e 26%, na moradia; investimentos em reformas da casa 32%, no entorno, 5%. Os 9% restantes foram destinados à compra de moveis e utensílios. A análise dos dados encontrados foi essencial para apoiar o estudo **A Chácara da Baronesa nos tempos da Dona Sinhá** que avaliou a tipologia desta forma de morar, assim como as manutenções e reformas que se fizeram necessárias.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREYRE, Gilberto. **Sobrados e mucambos**. 16. ed. São Paulo: Global, 2006.

FREYRE, Gilberto. **Ingleses no Brasil: aspectos da influência britânica sobre a vida, a paisagem e a cultura do Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.

REIS FILHO, Nestor Goulart. **Quadro da Arquitetura no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 1970.

Fontes

Acervo Museu Municipal Parque da Baronesa

Livro nº2- Amélia Annibal Hartley Maciel, 1894-1897.

Livro nº3- Amélia Annibal Hartley Maciel, 1897-1901.

Livro nº4- Amélia Annibal Hartley Maciel, 1902-1906;

Livro nº5- Amélia Annibal Hartley Maciel, 1907-1911.

Livro nº6- Amélia Annibal Hartley Maciel, 1911-1914.

Livro nº7- Amélia Annibal Hartley Maciel, 1914-1918.

Livro nº8- Amélia Annibal Hartley Maciel, 1919-1923.

Livro nº9- Amélia Annibal Hartley Maciel, 1923-1929.

Livro nº10- Amélia Annibal Hartley Maciel, 1929-1935.

Livro nº11- Amélia Annibal Hartley Maciel, 1935-1939.

Livro nº12- Amélia Annibal Hartley Maciel, 1939-1946.